

ISSN 2318-3985
Volume 7 Número 13
Jan - Jun 2019



***APARIÇÃO E NÍTIDO NULO:
O EXISTENCIALISMO NOS ROMANCES VERGILIANOS***

Gabriella Rovassine da Rocha

APARIÇÃO E NÍTIDO NULO: O EXISTENCIALISMO NOS ROMANCES VERGILIANOS

Gabriella Rovassine da Rocha

Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN),
da Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP).

RESUMO: *Aparição* (1959) e *Nítido nulo* (1971), do escritor português Vergílio Ferreira (1916-1996), surgiram num período conturbado em Portugal, ante um duro regime político e o advento de um inovador movimento literário. Em meio a isso, as narrativas abordam, de maneira muito particular, a condição humana, o mistério do ser, a busca pelo sentido da existência e os questionamentos sobre vida e morte, através de reflexões, conflitos e indagações, mergulhados num fluxo de consciência. Assim, este artigo propõe a análise do existencialismo, tal como defendido pelo filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980), manifesto nesses romances vergilianos.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; existencialismo; Vergílio Ferreira.

INTRODUÇÃO

Os romances, *Aparição* (1959) e *Nítido nulo* (1971), estão ambientados numa época em que Portugal enfrentava conturbadas transformações políticas e culturais. Após o fim da monarquia, instalou-se a República, em 1910, marcando o início do século XX. Na década de 1920, o nacionalismo sofreu forte influência do fascismo italiano e do nazismo alemão, levando ao poder um governo de direita extremamente autoritário.

Em 1928, começava a ditadura de António de Oliveira Salazar que, em 1933, fundou o Estado Novo. Este regime político, absoluto e corporativista vigorou, sob a Segunda República, por 41 anos ininterruptos, tendo seu fim em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, liderada pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), composto por militares, em sua maioria, capitães.

Paralelo a este governo, surgiu, em reação aos anteriores grandes escritores, românticos e depois, realistas, o movimento modernista, que pode ser dividido em três diferentes gerações. A primeira geração teve seu marco inicial em 1915, com a publicação da revista literária *Orpheu*. A revista literária surgiu num momento de agitação política e social, e era dirigida por Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho, tendo participações de Almada Negreiros, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, entre outros. Hostilizada pela imprensa conservadora, que chamou de “loucos futuristas” os modernistas, a revista teve apenas dois números: março e junho de 1915.

A segunda geração modernista iniciou-se em 1927, com o lançamento da revista *Presença - Folha de Arte e Crítica*. Contando com escritores como José Régio, Miguel Torga, João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca e Adolfo Casais Monteiro, a geração presencista corroborou e consolidou as ideias de renovação propagadas pela revista *Orpheu*, na primeira geração. Além disso, procurou, também, desenvolver um pensamento mais crítico.

Na década de 1940, surgiu a terceira geração literária: o Neorrealismo. Esta geração desenvolveu, principalmente, a prosa, prezando por uma literatura social, engajada, e pela leitura crítica da sociedade portuguesa, que enfrentava momentos difíceis por conta da crise mundial e, posteriormente, da Segunda Guerra Mundial. O Neorrealismo revelou importantes romancistas, sobretudo na vertente social, dentre eles, Vergílio Ferreira, que começou por ser neorrealista, mas se afastou, depois, em direção à literatura existencialista. Neste movimento não havia tantos autores preocupados com a questão existencial a nível individual; por essa razão, o autor veio a ser muito criticado.

A censura da ditadura salazarista e a Guerra Fria foram os fatores determinantes para o desenvolvimento do Neorrealismo e do surgimento do viés existencialista. A vasta obra de Vergílio Ferreira, dividida em ficção (conto e romance), ensaio e diário, faz-se presente nesses dois períodos literários, mas com maior inclinação para o existencialismo.

Os romances *Aparição* (1959) e *Nítido nulo* (1971), de Vergílio Ferreira (1916-1996), refletem sobre a condição do homem, a subjetividade deste e os questionamentos interiores sobre solidão, angústia, vida e morte. No primeiro, a reflexão abarca todos os personagens que, nessa narrativa, discutem questões essenciais à existência, às diferentes formas de estar na vida, ao aceite da morte como limite da vida humana e à solidão enquanto condição existencial assumida pelo narrador-personagem. No segundo, porém, as questões existenciais são vividas apenas pelo narrador-personagem.

Os romances focam a condição humana dos narradores-protagonistas e seus processos de subjetivação, além de suas diversas interrogações acerca do homem, da linguagem e da capacidade das palavras, e também por vezes sua insuficiência por não darem conta do que se deseja exprimir. As narrativas são intensamente reflexivas e possuem uma linguagem ficcional que, pela sua ambiguidade, propiciam novas possibilidades de sentido. A forma particular como as narrativas se constroem causa certa inquietação diante da primeira leitura. Passado o estranhamento, com um olhar mais demorado, torna-se possível começar a entrar no seu ritmo particular e acompanhar seu forte tom indagativo. Estes romances são romances-reflexão, pois se constituem como espaço de pensamento, reivindicando para a literatura um lugar, sobretudo, atribuído à filosofia.

Este artigo apresenta o existencialismo, tal como defendido por Jean-Paul Sartre em *O existencialismo é um humanismo* (1946), como corrente filosófica, indicando como essa filosofia se concretiza nesses dois romances de Vergílio Ferreira que, embora compartilhe de muitos aspectos defendidos pelo pensamento sartreano, também se opõe a ele algumas vezes, em aspectos importantes.

O EXISTENCIALISMO DE SARTRE

O existencialismo é uma corrente filosófica iniciada pelo filósofo dinamarquês Kierkegaard (1813-1855) e desenvolvida pelo filósofo alemão por Heidegger (1889-1976), e pelo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), entre outros. O presente artigo detém-se no texto de apresentação de Sartre sobre essa vertente filosófica de suma importância para o pensamento francês, e cujo apogeu se deu na década de 50, no contexto do pós-guerra, tendo grande influência não só na filosofia, mas também na literatura. Essa vertente é pautada no princípio de que o homem é o ser cuja existência precede a essência, isto é, o homem existe sem que seu ser seja predefinido.

Em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, Sartre rebate as críticas feitas a ele, por comunistas e cristãos, e, em meio às explicações e argumentos, afirma que há duas escolas existencialistas: uma atea e outra cristã. Essas vertentes têm em comum o fato de admitirem que não há uma essência anterior ao ato de existir que determinaria o que cada indivíduo vai ser ou deve ser.

O filósofo, porém, defende o existencialismo ateu, sob o argumento de que, a partir do momento em que concebemos um Deus criador, passamos a identificá-lo quase sempre como um artífice superior e, se admitirmos que a sua vontade segue uma intenção, Deus, quando cria, sabe perfeitamente o que cria. Se assim fosse, ele criaria o homem segundo técnicas e uma determinada concepção, isto é, o “objeto fabricado” partiria de um conceito, assim, haveria uma determinação anterior à existência: é a essa ideia que Sartre se opõe:

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. Que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será

alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo (FERREIRA, 2012, p. 204).

A partir disto, continua Sartre, resta ao homem assumir sua condição, sua liberdade, a construção de sua existência e a busca pelo sentido desta. Essa liberdade tem como consequência produzir angústia, afinal, o homem está só, sem um ser transcendente responsável por ele. Dito de outra maneira, o homem está condenado a ser livre.

Mesmo considerando que a filosofia de Sartre correspondeu às necessidades de seu tempo e sua doutrina era seriamente válida, Vergílio Ferreira (2012) faz alguns questionamentos quanto à ideia de Sartre de liberdade humana. Seria ela consciente ou inconsciente? A maior defesa de Vergílio Ferreira é a valorização do ser, o ser no mundo, a condição humana, com o entendimento de que o homem é a consciência de liberdade: compete a ele a possibilidade de ser, de saber, de querer, de decidir, de descobrir:

Porque um móbil só se constitui como tal, se eu o *escolhi* como capaz de o ser. Aquilo que «actua» sobre mim só actua sobre mim, *porque eu o escolhi como actuante*. Não é porque alguém me ofende que eu reajo violentamente, mas sim porque escolho tal ofensa como móbil da minha reação. Tal escolha, porém, de um móbil, posso não reconhecê-la senão depois de se manifestar. Assim são normalmente os meus actos que me esclarecem sobre o que realmente sou, sobre aquilo que realmente escolhi, sobre a minha liberdade. Mas isso não significa, frisemo-lo desde já, que eu seja «inconsciente», já que, segundo Sartre, o homem é consciência de ponta a ponta, em todos os seus aspectos. [...] Em qualquer situação, portanto, eu «sou consciência (de) liberdade». Assim a minha liberdade é o estofado do meu ser (FERREIRA, 2012, p.113-114; grifo do autor).

Para Sartre, a liberdade consiste, rudemente falando, em dizer “não”; o ato de negar afirma a subjetividade e o poder de escolha do indivíduo. Então, a liberdade não é uma qualidade do homem, mas o que, de fato, estrutura o ser, uma vez que constitui para ele a consciência, o poder, a possibilidade de negar. Um exemplo dessa consciência é a ação, visto que o princípio desta é ser intencional. Agir é uma escolha, escolher é exercer liberdade. Um ato é um motivo relacionado diretamente a uma decisão, e ser livre, na prática, seria negar esse motivo, essa ação:

Esquemáticamente, para um conceito vulgar de liberdade, o verdadeiro acto de ser livre consistiria em recusar ao móbil, uma condição de «móbil»; e para o determinista, o acto julgado livre reduz-se à acção determinante que um motivo como móbil exerce sobre mim. [...] Recusar ao «móbil» a sua função de móbil é decerto aceitar como conceito-limite de liberdade um conceito de «liberdade de indiferença». [...] Mas que é um móbil? [...] um móbil só constitui como tal, se eu o escolhi como capaz de ser. Aquilo que actua sobre mim, *porque eu o escolhi como actuante* (FERREIRA, 2012, p. 113; grifo do autor).

EXISTENCIALISMO EM APARIÇÃO

Em *Aparição*, o narrador-personagem, professor do Liceu, muda-se para Évora, cidade do interior de Portugal, para lecionar. Enlutado pela morte recente do pai, em conflito, ele reflete a respeito de si mesmo, da morte e da vida:

Tento, há quantos anos, vencer a dureza dos dias, das ideias solidificadas, a espessura dos hábitos, que me constrange e tranquiliza. Tento descobrir a face última das coisas e ler aí a minha verdade perfeita.

[...]

Mais real do que nascer era o morrer. Porque quem nasce é ainda nada. Mas quem morre é o universo, é a pura necessidade de ser (FERREIRA, 2014, p. 9-58).

Para o narrador-protagonista, Alberto, o homem torna-se grande à medida que toma conhecimento de sua condição, sem temer essa lucidez:

E, todavia, sei-o hoje, só há um problema para a vida, que é o de saber, saber a minha condição, e de restaurar a partir daí a plenitude e a autenticidade de tudo — da alegria, do heroísmo, da amargura, de cada gesto.

[...]

Um homem só é perfeito, só se realiza até aos seus limites, depois de a morte o não poder surpreender. Não porque a tivesse decorado como um gato-pingado, mas por tê-la incorporado na plenitude da vida (FERREIRA, 2014, p. 10-58).

Diante disto, começa a tornar-se claro o propósito do título do romance: “se tu viesses, imagem da minha condição... Se aparecesses...” (FERREIRA, 2014, p. 38). A aparição, então, revela-se como uma manifestação do homem a si mesmo. Alberto, por meio de suas reflexões, discussões filosóficas e experiências, faz-se visível a si próprio: “sinto, sinto nas vísceras a aparição fantástica das coisas, das ideias, de mim” (FERREIRA, 2014, p. 9-10).

O conhecimento e a aceitação da condição humana constituem no homem a noção de sua responsabilidade e o preparo para assumi-la, ao invés de eximir-se dela ou atribuí-la a um ente superior. Alberto, então, entende ser o responsável por seus atos, sua vida, seu destino. “Aceito a responsabilidade de tudo, porque aceito a responsabilidade da minha vida” (FERREIRA, 2014, p. 241). Toda essa reflexão feita pelo personagem, através de suas memórias e vivências, produziu inicialmente uma inquietude, para só depois resultar em sua lucidez.

EXISTENCIALISMO EM *NÍTIDO NULO*

Realizar o próprio destino talvez seja o ápice da vida humana, talvez seja o desejo intrínseco de cada indivíduo. Quem não há de querer estar satisfeito com o modo como vive — ou viveu? *Nítido nulo* é um romance envolvido com o pensamento sobre a condição humana e, logo no início, vemos Jorge em uma situação-limite, preso, condenado à morte, tentando dizer a si mesmo que está calmo e que realizara seu destino, assim, não há motivos para sofrer. Jorge está pronto para arcar com as consequências de seus atos.

Liberdade e responsabilidade humana são conceitos que se engessam se considerarmos a existência de Deus ou de um deus. Quando há a crença em um ser transcendente, há a tendência de eximir-se de qualquer culpa e responsabilidade, afinal, nada acontece que não seja o desígnio desse ser superior. Em seu discurso, ao final do livro, Jorge, o narrador-protagonista do romance, faz uma série de declarações, entre elas, a seguinte:

Mas antes do deus renascido das cinzas, quantos deuses miúdos que não chegaram a arder. Valerá a pena falar deles? Valerá a pena lembrar-vos que eles se nos metem na vida como o « piolho em costura »? O homem é um « ser livre ». Pois. Mas é mais difícil ser livre do que puxar uma carroça. Isto é tão evidente que receio ofender-vos. Porque puxar uma carroça é ser *puxado por ela* pela razão de haver ordens para puxar, ou haver carroça para ser puxada. Ou ser mesmo um passatempo passar o tempo puxando. Mas ser livre é inventar a razão de tudo sem haver absolutamente razão nenhuma para nada. É ser senhor total de si quando se é senhareado. É dar-mos inteiramente sem nos darmos absolutamente nada. É ser-se o mesmo, sendo-se outro. É ser-se sem se ser (FERREIRA, 2012, p. 267; grifo do autor).

Em *A arte do romance* (1986), Milan Kundera (1929), escritor tcheco e também crítico da literatura, discorre a respeito da crise da humanidade

européia, identificada por Husserl, no início dos anos 30. Tal crise devia-se ao fato do desenvolvimento da ciência ter reduzido “o mundo a um simples objeto de exploração técnica e matemática”, (KUNDERA, 2009, p. 11) excluindo o mundo concreto da vida de seu horizonte: “Quanto mais avançava em seu saber, mais perdia de vista o conjunto do mundo e a si próprio” (KUNDERA, 2009, p. 11). Isto resultou no que Heidegger chamava de “o esquecimento do ser”. Segundo Kundera, o progresso e a conseqüente degradação que ele provoca, tiveram grande influência no gênero literário romance, uma vez que todos os grandes temas existenciais foram expostos por ele desde o seu começo, quatro séculos atrás, com o nascimento do romance moderno, até aos tempos atuais. O romance se dedica a examinar não a realidade, mas a existência.

Milan Kundera acredita que o romancista é capaz de tocar o campo das possibilidades humanas, e que os grandes “romancistas descobrem ‘o que somente um romance pode descobrir’: mostram como, nas condições dos ‘paradoxos terminais’, todas as categorias existenciais mudam subitamente de sentido” (KUNDERA, 2009, p. 19).

Segundo Sartre, os efeitos da morte de Deus consistem na liberdade do homem de gerir a própria vida, na responsabilidade de seus atos, nas conseqüências de suas escolhas e, conseqüentemente, também, na sensação de abandono, decorrente da ausência desse ser superior:

Se por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre (FERREIRA, 2012, p. 210).

Na forma romance, defende Kundera, a morte de Deus resulta na desconstrução de uma verdade absoluta, dando lugar a um monte de outras verdades, todas elas relativas. As verdades se contradizem, e a única certeza passa a ser a sabedoria da incerteza. Para exemplificar, Kundera cita Dom Quixote, dizendo que, uma das razões para este romance ser considerado o primeiro romance moderno relaciona-se justamente com o fato de, nele, Deus ter deixado o lugar de onde, até então, havia dirigido o universo e sua ordem de valores, separando o bem e o mal, dando um sentido a cada coisa. Quando isso ocorreu, Dom Quixote saiu de sua casa e não teve condições de reconhecer o mundo, uma vez que ele, na ausência do Juiz supremo, surgiu abruptamente na sua temível ambigüidade (KUNDERA, 2009, p. 14). A conseqüência disso vai ao encontro do que Sartre diz, quando afirma: “O desamparo implica sermos nós a escolher o nosso ser. O desamparo é paralelo da angústia” (FERREIRA, 2012, p. 215).

A ambiguidade está fortemente presente em *Nítido nulo*, visto que a experiência de sua leitura não encaminha o leitor no sentido de uma verdade sobre a intriga apresentada, mas na direção de possibilidades de sentidos plurais. Não há uma leitura e interpretação corretas. Entendida desta forma, enquanto experiência ativa no presente, a experiência da literatura indica ser possível ler e interpretar de maneiras distintas o mesmo romance, cada vez que o leitor se dispuser a perscrutá-lo. É exatamente sobre esse aspecto que Silvina Rodrigues Lopes fala em seu texto, *A literatura como experiência*:

Há textos face aos quais todas as estratégias de leitura se revelam insuficientes. E isso é inseparável do facto de, nessa mesma leitura, elas serem sujeitas a alterações, inflexões ou desvios. É isso que define uma relação, o não estar determinada de fora, mas valer como tal, na sua complexidade. Admiti-lo é admitir que é a própria relação que faz vacilar a distinção entre leituras correctas e leituras erróneas (...) (LOPES, 2003, p. 19).

No âmbito da experiência, a ambiguidade se dá como uma condição do texto, por meio da qual, a leitura e interpretação se atualizam constantemente pelo leitor. A experiência consiste nessa relação ativa que o leitor estabelece com o texto lido. Essa é justamente a principal característica do romance de Vergílio Ferreira. Em *Nítido Nulo*, assim como em *Aparição*, o leitor tem a possibilidade e a liberdade para interagir, experienciar o texto, descobrir novas possibilidades de sentido: “Enquanto experiência, que nada tem de pessoal, nem de impessoal, a literatura ignora os limites estritos da unicidade do sujeito e dá à experiência a natureza de uma multiplicidade incontável, em devir” (LOPES, 2003, p. 31).

Muitas vezes, a experiência se dá por meio do estranhamento, aquilo a que Silvina Rodrigues Lopes (2003) chama de “defesa do atrito”. A estranheza causada pela leitura torna-a complexa, e nos distancia da visão comum a respeito dela. Entretanto, segundo a autora, uma das decorrências do pós-modernismo é a adaptação da literatura aos gostos de mercado e, portanto, ao fácil acesso. Muitos escritores ou pseudoescritores querem se adaptar às condições institucionais e ao mercado, produzindo nada mais que simples objetos de consumo. A preocupação em agradar o “grande público” e vender livros tomou enormes proporções, deixando de lado a experiência do contato com o texto literário e o estranhamento. Em suma, a valorização da distração em detrimento da estranheza causa o que Lopes chama de “domesticação”: “Aquilo que se destina ao grande público é a espectacularização, que esteriliza ao colocar a diversão como substituta da estranheza, tornando-se eficaz na relegação do humano para o nível mais triste da vida animal — a domesticação” (LOPES, 2003, p. 23).

Para Lopes, quem colabora com essa massificação cultural que desvitaliza a verdadeira literatura, está à procura de uma posição de poder pessoal e de grupo. Esse campo de poder é denominado de “fixação”. A autora ainda vai além e afirma que tal atitude vai contra a memória e a dignidade daqueles que não usaram e não usam a literatura e, ainda, retiraram-na desse estado de fixação.

Claramente, *Nítido nulo* não se encaixa nesse tipo de texto fácil, visto que ele se pensa e autoquestiona em seus fundamentos, como é possível observar através dos pensamentos fragmentos, dos diversos planos, da retomada de ideias e contradições das próprias linhas de raciocínio do narrador-personagem: “Decifrei a vida até onde havia vida a decifrar. Apostei com ela e ganhei. [...] Encravei o jogo, mas não sei como. Havia um acerto a fazer, acerto amoroso. Falhou” (FERREIRA, 2012, p. 14-18).

O romance de Vergílio Ferreira apresenta-se como uma proposta de reflexão, incomoda o leitor e o faz pensar. O estranhamento provocado pela leitura produz uma experiência única indescritível e nova a cada vez que o romance é lido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora também associada ao Neorrealismo, a obra de Vergílio Ferreira está mais vinculada ao Existencialismo, como foi evidenciado neste artigo. Os romances aqui abordados, *Aparição* e *Nítido nulo*, comprovam o investimento principal na investigação sobre a condição humana.

As narrativas são densas, reflexivas e questionadoras. O escopo dessas produções literárias não é proporcionar leituras fáceis e de entretenimento, mas tirar o leitor da zona de conforto e fazê-lo pensar a respeito da liberdade e da responsabilidade humanas, conduzindo-o à lucidez sobre vida e morte.

A filosofia existencialista, tal como pensada por Sartre, funda-se no princípio de que a existência do homem precede a sua essência. A partir disso, suprimindo a noção de um Deus criador, a condição humana consiste na liberdade do homem em governar a própria vida, assumindo a responsabilidade de suas escolhas. Então, a sensação de abandono torna-se inevitável, uma vez que não há nenhum ser metafísico a quem se possa recorrer.

Vergílio Ferreira, embora entusiasta dessa corrente filosófica, posicionava-se de uma maneira um tanto diferente em relação ao pensamento ateu: seu existencialismo era mais otimista, pois buscava proporcionar ao homem uma espécie de “resolução”. Tomando por base que a existência precede a essência, o indivíduo, quando nasce, tem apenas a existência. Como, então, será formada a sua essência? No seu contato com o mundo. O homem define a maneira como vai existir no mundo. Todavia, estando condenado à liberdade, nada é

definitivo, pois, caso deseje, pode retomar determinado caminho, visto que é um ser dinâmico.

Em *Aparição*, o protagonista, Alberto Soares, deseja revelar-se a si mesmo, conhecer mais a respeito de sua condição, suas aspirações, angústias, seus desejos e impulsos. O narrador-personagem vive em conflito a respeito da morte, mas não se exime da busca pelo conhecimento. Em face da condição trágica do homem, ser mortal e sofredor, qual o sentido de, ainda assim, afirmar a vida? Essa é uma pergunta sem resposta, considerando os efeitos da não existência de Deus. Cabe ao homem encontrar o sentido para a sua vida, nela incorporar a morte na plenitude da vida, de modo a nunca esquecer a sua finitude.

As reflexões de Jorge Andrade, protagonista de *Nítido nulo*, também giram em torno dessa dupla face, vida e morte. Diante da não aceitação dos dogmas impostos pela sociedade, morais ou políticos, Jorge acaba por ser sentenciado à morte, acusado de insurreição política. Ciente de sua condição, consciente de suas escolhas e dos resultados delas, Jorge aceita seu destino e mostra-se pronto para o fim.

Assim, cabe ressaltar que Vergílio Ferreira foi um importante escritor moderno, tendo conquistado, com sua escrita singular, seu espaço na contemporaneidade. A sua opção pela escrita de tom subjetivo e sua tendência ao gênero poético-reflexivo, conferem a ele um estilo próprio, capaz de prender o leitor e criar uma relação para além do literário.

Referências bibliográficas:

FERREIRA, Vergílio. *Aparição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Quetzal, 2014.

_____. *Nítido nulo*. Quetzal. Edição/reimpressão: 2012.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOPES, Silvina Rodrigues Lopes. A literatura como experiência. In: *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Edições Vendaval, 2003.

SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um humanismo. In: FERREIRA, Vergílio. *O existencialismo é um humanismo. Da fenomenologia a Sartre*. Tradução: Vergílio Ferreira. Lisboa: Quetzal, 2012.

Aparição and Nítido nulo: the existencialism in the vergilian novels

Abstract: *Aparição* (1959) and *Nítido nulo* (1971), the writer Vergílio Ferreira (1916-1996), appeared in the troubled period in Portugal, before a hard political regime and the advance of an innovative literary movement. In the midst of this, how the narratives approach, in a very particular way, human choice, the mystery of being, the search for the meaning of reality and the questions about life and death, through reflections, conflicts and questions, immersed in a flow of consciousness. Thus, this article presents an analysis of existencialism, as defended by the philosopher Jean-Paul Sartre (1905-1980), manifested in these vergilian novels.

Keywords: Portuguese Literature; Existencialism; Vergílio Ferreira.